

Clara Miguel Asperti (UNESP/Assis)

A VIDA CARIOCA NOS JORNAIS: *GAZETA DE NOTÍCIAS* E A DEFESA DA CRÔNICA

0. Introdução

O Rio de Janeiro passou em fins do século XIX por grandes modificações estruturais e sociais. Era a época das grandes reformas urbanas geridas pelo engenheiro e prefeito Pereira Passos. Porém, foi também o momento de modernização da imprensa. O término do século XIX ficou marcado com o surgimento de grandes jornais, matutinos e vespertinos, no cotidiano carioca.

No fim do século, quando começa a se esboçar principalmente na capital federal uma modernização da imprensa. Se desde 1827 o *Jornal do Comércio* era o único jornal respeitável por sua já consolidada reputação de conservador, sempre voltado para a exploração de assuntos políticos, informações sobre importação e exportação e notícias do país e do exterior (SODRÉ, 1966, p. 127); neste momento começam a surgir diversos periódicos que irão marcar época na história política e cultural da nação: *Gazeta da Tarde* (1880), *O País* (1884), *A Notícia* (1884), *Diário de Notícias* (1885), *Cidade do Rio* (1888) e o mais popular dentre todos, a *Gazeta de Notícias* (1875).

É curioso notar que exceto o *Jornal do Comércio*, todos os demais diários surgem no Rio de Janeiro após a metade do século XIX. Esse retardo talvez seja justificado pelo também atraso da implantação da imprensa no Brasil. Faz-se necessária neste momento uma pequena digressão temporal: a nação descoberta em 1500 só ganha sua primeira produção jornalística e gráfica em 1808, ou seja, com a chegada da Família Real em terras coloniais. Junto com a corte, Dom João VI traz em seus navios os equipamentos que permitiriam a impressão da *Gazeta do Rio de Janeiro* e a constituição da Imprensa Régia, além do *Correio Braziliense*, jornal produzido pelo jornalista Hipólito Costa em gráficas inglesas, que chegava ao Brasil mensalmente por pacotes. Fácil concluir o motivo central da tardia instalação da imprensa no Brasil, que de acordo com Juarez Bahia (1990, p. 31), seria decorrente “da severa vigilância política e econômica imposta por Portugal...” e consequentemente causadora do visível atraso cultural da colônia.

Entretanto, lentamente esse quadro de atraso do Brasil vai mudando, principalmente se nos voltarmos especificamente para o Rio de Janeiro de meados de 1880, que se destacava como corte do Império e cidade de maior contingente populacional da época. Neste período começa a nascer no Rio de Janeiro uma imprensa jornalística já mais consolidada como organização industrial. Neste quadro de evolução da modernização dos periódicos é que se inserem as inaugurações dos grandes jornais, que marcam o fim de século carioca.

A grande massa populacional do Rio de Janeiro não é a única razão que fez a capital se destacar como berço do jornalismo finissecular. O principal fato que concedeu aos cariocas o título de capital jornalística da época foi resultante também da fixação naquela cidade dos grandes nomes das letras nacionais, - romancistas, críticos, dramaturgos e poetas, - que incontestavelmente fizeram a história do jornalismo brasileiro, concedendo aos diários da época textos próprios.

Esta relação tão íntima entre grandes nomes da literatura do momento e periódicos na passagem do século, este pêndulo entre literatura e jornalismo que surge com a colaboração assídua dos literatos nacionais e estrangeiros nas folhas diárias como um todo, e a consagração recíproca gerada por esta parceria colaboram incontestavelmente

na consolidação de um dos mais marcantes jornais nascidos no século XIX: a *Gazeta de Notícias* do Rio de Janeiro.

1. *Gazeta de Notícias*: a grande estrela

A *Gazeta de Notícias* chegou às ruas do ainda Império em dois de agosto de 1875 acompanhada de um prospecto no qual a redação avisava:

*“Além d’um folhetim romance, a Gazeta de Notícias todos os dias dará um folhetim de atualidade. Artes, literatura, teatros, modas, acontecimentos notáveis, de tudo a Gazeta de Notícias se propõe trazer ao corrente os seus leitores”*¹.

Através da leitura do informativo do periódico é possível tirar já as primeiras impressões da folha fundada pelos editores Ferreira de Araújo, Manuel Carneiro e Elísio Mendes e pelos redatores Henrique Chaves e Lino de Assunção. A *Gazeta* era um periódico voltado para o seu tempo que colocaria, além das atualidades, a arte e a literatura ao alcance da população.

A grande revolução gerada pela inauguração da *Gazeta de Notícias* foi fruto de seu estilo “barato, popular, liberal, vendido a quarenta réis o exemplar” (SODRÉ, 1966, p. 257), que se contrapunha e concorria com o único jornal consolidado da época, o *Jornal do Comércio*.

A *Gazeta de Notícias* trazia em seu bojo tudo aquilo que os poucos letrados da capital federal (aproximadamente 1,72% da população carioca em 1872 era alfabetizada) desejavam: literatura amena de romances-folhetins, pequenas colunas de crônicas de variedades e seção de piadas, dentre tantas outras.

O periódico foi comandado até a morte de Ferreira de Araújo em 1900, quando Henrique Chaves tomou as rédeas da redação; nessa primeira fase, a *Gazeta* possuía características peculiares que a tornaram um marco do jornalismo nacional:

“Foi Ferreira de Araújo quem iniciou no Brasil, com sua folha, a fase do jornal barato, de ampla informação. A Gazeta de Notícias, no seu tempo, era um jornal moderno, de espírito adiantado, o primeiro órgão da nossa imprensa que divulgou a caricatura diária, a entrevista e a reportagem fotográfica” (JORGE, 1977, p. 16).

Pode-se acrescentar que esta folha foi a grande divulgadora e financiadora das letras, dando espaço incomensurável em suas colunas para todos os grandes escritores nacionais e estrangeiros do momento divulgarem seus textos. A partir de meados da primeira década do século XX, a *Gazeta de Notícias* representa para os literatos colaboradores um meio de sobrevivência seguro.

Na verdade podemos chamar essa abertura orquestrada por Ferreira de Araújo de “uma troca de favores”, pois, ao passo que este consagrava os escritores dando-lhes colunas fixas ou esporádicas em suas páginas, também consolidava a *Gazeta de Notícias* como um jornal que prezava a literatura, o diferencial do moderno periódico. O apego aos textos literários enobrecia o jornal popular, dando-lhe, ao mesmo tempo, certo *status* elevado e matéria interessante a ler para a elite burguesa letrada. Sendo assim, escolhia de modo criterioso aquele que teria o supremo privilégio de participar

do grande jornal do momento. Não era aceito nas páginas da *Gazeta* nenhum estreante ou mesmo já tarimbado escritor que não tivesse excelente fama e currículo invejável.

A clara interdependência entre homem de letras e jornalismo é imposta basicamente pelo fato de que, com a consolidação da imprensa no Brasil, o trabalho jornalístico dos literatos representava sua principal fonte de renda, já que a publicação de seus livros em volume não alcançava o grande público e conseqüentemente não gerava proventos dignos aos escritores. Mesmo com a já consolidada relação cooperativa entre os literatos, bem representada pela Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis ainda em 1897 e pela lei dos direitos autorais nascida em 1898, a vida de escritor sustentado apenas pelos seus livros ainda era uma utopia num Brasil de analfabetos; todavia, o trabalho no jornalismo literário era imprescindível não só para a sobrevivência financeira do poeta como também para a divulgação de seu nome e do seu trabalho ao grande público leitor dos periódicos. Nomes respeitáveis da literatura e do meio cultural nacional desejavam ardentemente as páginas da *Gazeta de Notícias*; realizaram esse desejo Coelho Neto, Aluísio Azevedo, Pardal Mallet e José do Patrocínio, dentre outros.

Essa possível relação de dominação entre jornal e literato é bem exposta por Sérgio Miceli (1977, p. 15):

“Não havendo, na República Velha, posições intelectuais relativamente automatizadas em relação ao poder político, o recrutamento, as trajetórias possíveis, os mecanismos de consagração, bem como as demais condições necessárias à produção intelectual sob suas diferentes modalidades, vão depender quase que inteiramente das instituições e dos grupos que exercem o trabalho de dominação. Em termos concretos, toda a vida intelectual era dominada pela grande imprensa que constituía a principal instância de produção cultural da época e que fornecia a maioria das gratificações e posições intelectuais. Os escritores profissionais viam-se forçados a ajustar-se aos gêneros que vinham de ser importados da imprensa francesa: a reportagem, a entrevista, o inquérito literário, e em especial, a crônica”.

Se a literatura foi marcante na vida não só dos escritores como também do jornal, a *Gazeta* resguarda algumas outras características que devem ser lembradas. Apesar de grandes críticos da história literária e jornalística como Nelson Werneck Sodré e Antonio Dimas já terem feito esse trabalho, sempre é possível esmiuçar um pouco mais as “páginas já gastas” da *Gazeta de Notícias*².

Nos anos iniciais o jornal ainda apresentava de maneira simplória as suas minguadas quatro páginas, responsáveis por abarcar as oito colunas estreitas de seu corpo; porém, inovou ao ser vendido diariamente de modo avulso através de garotos-jornaleiros, ao passo que outros jornais rivais só efetuavam vendas por assinatura. A iniciativa da *Gazeta de Notícias*, ao mesmo tempo em que fez com que suas vendas fossem expressivas, também lhe possibilitou a fama de jornal popular ao alcance das massas.

Nota-se certo apego da *Gazeta de Notícias* por anúncios publicitários, grande parte de suas páginas finais era dedicada à publicidade, que abarcam uma gama variadíssima de produtos anunciados: desde remédios para as mais variadas moléstias até, especialmente, propagandas de peças teatrais em cartaz, possíveis grandes

“patrocinadores” do periódico. O jornal era visto como veículo de entretenimento e prestador de serviço de grande utilidade pública.

Uma coluna fixa que merece atenção especial é a seção “Publicações a pedido”, que desde 1877 foi localizada entre as páginas um e dois do diário. Tal seção concedeu à *Gazeta* certo tom de irreverência, pois este espaço era constantemente utilizado por leitores da folha para publicar qualquer tipo de assunto ou comentário de seu interesse, que poderia muitas vezes ser um agradecimento, um pedido de desculpas, uma solicitação ou auxílio, um pequeno texto poético de autoria popular; mas na maioria dos casos a coluna era utilizada como veículo de desforras ou canal aberto para cobrar providências diversas às autoridades municipais. As “Publicações a pedido” serviam para o popular insultar, criticar ou desafiar qualquer desafeto particular. Diariamente a coluna permanecia fiel aos seus propósitos iniciais. Cabe transcrever uma pequena nota sob o título “Imoralidade” para ilustrar a intenção da coluna:

“Rogamos a S. Ex. o Sr. Dr. Chefe de polícia lançar suas vistas sobre duas desmoralizadas mulheres da Rua Sete de Setembro próximo à travessa de S. Francisco, que com suas impudicas palavras, ofendem as famílias decentes que têm a desgraça de passar pelas proximidades da morada dessas audaciosas messalinas. Um vizinho”³.

Marca constante de todos os jornais do período era o sempre presente romance-folhetim, publicado nas oito colunas do rodapé do jornal. Especialmente com a *Gazeta de Notícias* não poderia ser diferente. Diariamente em suas páginas, ora na primeira página, ora no recheio do jornal, sempre estava presente o texto romanceado de ficção de grande apelo popular, que, ao mesmo tempo em que atraía todas as camadas sociais de letrados, servia também como um instrumento ao periódico: caso algum colaborador fixo faltasse com a obrigação de publicar seu texto, lá estava o romance-folhetim para ocupar a lacuna. A *Gazeta de Notícias* chegou a publicar dois romances seriados por dia.

Traduções francesas eram muito bem representadas no espaço do folhetim; entretanto, autores nacionais estiveram presentes também. Em 1888 Raul Pompéia publicou durante três meses com o subtítulo de “Crônica de Saudades” seu grande romance, *O Ateneu*, nas páginas da *Gazeta de Notícias*.

Assim como o romance-folhetim estava constantemente nas páginas da folha, muitas outras colunas mantiveram-se desde a inauguração do jornal em dois de agosto de 1875. Todavia é preciso afirmar que, nos primeiros anos de vida da *Gazeta de Notícias*, o jornal ainda não apresentava maturidade e coerência total, ou seja, nenhuma coluna, mesmo aquelas que aqui consideramos fixas, apresentava periodicidade constante, seja ela diária ou mesmo semanal.

Fato curioso a ser ressaltado é que desde o início da *Gazeta de Notícias* um texto nunca se mostrou ausente: a crônica semanal. Praticamente todos os dias da semana o jornal acolhia uma produção de algum escritor ilustre: Eça de Queirós, Émile Zola, Machado de Assis, Coelho Neto, Guilherme de Azevedo, José do Patrocínio, etc. Mesmo ainda não possuindo o jornal um cronograma fixo de publicação para cada colaborador, ou mesmo que estes estivessem disfarçados sob a máscara de um pseudônimo, semanalmente distintos escritores compunham textos para a *Gazeta de Notícias*.

A primeira ocorrência de uma coluna de crônicas na *Gazeta* foi localizada já em 1875 com o “Folhetim da *Gazeta de Notícias*”, coluna diária de nome genérico que

abarcava crônicas da atualidade assinadas pelos mais diversos nomes da época: Lulu Sênior⁴, Proudhomme⁵, Tralgadabas⁶, Pinheiro Chagas, Ramalho Ortigão, França Junior, e outros.

A partir de então passaram por esse rés – do – chão (Cf. CANDIDO, 1992, p. 13) do jornal assinando as mais diversas colunas diversos autores como Ferreira de Menezes (coluna dominical “A Semana” de 1878 a 1879; posteriormente, em 1892, o título é assumido por Machado de Assis), José do Patrocínio (coluna semanal “Semana Política” ou “Semana Parlamentar” de 1877 a 1881), Ramalho Ortigão (coluna esporádica “Cartas Portuguesas”, primeira publicação em 1877), dentre muitos outros autores que apareceram em anos subseqüentes, como Artur de Oliveira, Lino de Assunção, Valentim Magalhães, Eça de Queirós e Machado de Assis⁷, dentre outros.

Muitas das crônicas semanais nesses primeiros quinze anos de publicação da *Gazeta de Notícias* (1875-1890)⁸ aparecem sem assinatura ou mesmo sem um pseudônimo, o que por muitas vezes tornou a pesquisa a respeito da autoria do texto impossível.

Uma das colunas que merece maior destaque seria a coluna “Bons dias”, assinada por Machado de Assis (sob uma mistura de pseudônimo e aceno de despedida “Boa Noite”), entre os meses de abril de 1888 e agosto de 1889. Sobre essa coluna, Sônia Brayner (1992, p. 411-412) comenta:

“Desde o início delineiam-se com clareza seus caminhos narrativos favoritos, em que pese ainda um certo ar de fórmula geral. Interessa-se, particularmente, pela apreensão do fato cotidiano, desimportante enquanto ação, mas capaz de gerar um conteúdo pitoresco, humano e urbano das relações sociais do Rio de Janeiro do final do século, vistos com olhos contrastantes do humor benévolo, zombeteiro mesmo”.

É interessante o comentário de Brayner não apenas direcionado para a coluna machadiana, mas como para todas as crônicas surgidas no final do século XIX. Certa generalidade de forma e conteúdo ainda imperava, apesar de particularmente essa coluna do fundador da ABL já aparecer no corpo da primeira página do jornal e com título definido; os assuntos abordados por toda a produção cronística do período ainda não possuíam uma temática coesa que caracterizasse seu autor. Arriguicci Jr. (1987, p. 57) arremata o pensamento proposto por Brayner, por um prisma mais abrangente:

“Na maioria desses autores dos primeiros tempos, a crônica tem um ar de aprendizado de uma matéria literária nova e complicada, pelo grau de heterogeneidade e discrepância de seus componentes, exigindo também novos meios lingüísticos de penetração e organização artística: é que nela afloram em meio ao material do passado, herança persistente da sociedade tradicional, as novidades burguesas trazidas pelo processo de modernização do país, de que o jornal era um dos instrumentos”.

Porém, anteriormente à coluna “Bons Dias”, Machado de Assis já havia se consolidado como colaborador habitual da *Gazeta*: entre novembro de 1886 e fevereiro de 1888, Machado enveredou pelo mundo dos versos e publicou folhetins rimados na coluna “Gazeta de Holanda”.

Outra coluna que marca época nas primeiras décadas da *Gazeta de Notícias* é “Balas de Estalo”, publicada entre 1882 e 1886 diariamente entre a primeira e a segunda

página do periódico, que, além da colaboração assídua de Machado de Assis, contava com uma gama imensa de outros escritores, como o sempre presente Lulu Sênior. Como toda a produção do período, essa coluna de assuntos variadíssimos retratava de forma sucinta, como o próprio título explica, os últimos acontecimentos da atualidade carioca ou frivolidades.

Outras tantas colunas de menor expressão passaram pelas páginas da *Gazeta*; porém, devido à dificuldade de localização de seus autores ou rápida existência, demos preferência ao comentário daqueles títulos que perduraram por maior tempo no jornal e no gosto do leitor do momento.

O período até este momento retratado através de uma rápida análise do periódico *Gazeta de Notícias* serve-nos de espelho não só do momento cultural, social, político e econômico da nação, que perpassava por transformações radicais no âmbito da política com a recente Proclamação da República, à qual a *Gazeta de Notícias* foi favorável, como na esfera social, com o movimento abolicionista que culminou com a Abolição da Escravidão em 1888, que remodelou a população não só carioca como nacional e novamente a *Gazeta* estava ao lado das novas ordens sociais, abraçando em suas páginas profissionais do jornalismo e da literatura abertamente anti-escravocratas como Joaquim Serra e José do Patrocínio, negro que funda em 1887 a “trincheira abolicionista” (SODRÉ, 1966, p. 312) *Cidade do Rio*, jornal pobre, precário, mas combativo, que lutará sem trégua ao lado de grandes colaboradores como Olavo Bilac, para o fim do Brasil colonial representado pela escravidão.

Esse elo formado entre escritores em voga em fins de século XIX e textos crônísticos representa através não só da *Gazeta de Notícias*, mas de todos os grandes periódicos surgidos especialmente no Rio de Janeiro da *Belle Époque* a extrema ligação entre jornalismo e literatura que permeou esse gênero de publicação do período. Através do nascimento e consolidação da crônica na *Gazeta* pudemos notar como grandes escritores exercitaram ao mesmo tempo a nova função de cronista e o trabalho de articulistas políticos e mundanos. Essa nova função surgiu obviamente antes da *Gazeta*, mas, através de sua aceitação total por parte não só dos escritores como principalmente dos leitores fiéis da folha, adquiriu nas páginas da *Gazeta de Notícias* uma importância que até hoje gera ambigüidade de opiniões nos meios literários de nossa cultura.

2. Crônica: do folhetim à primeira página na *Gazeta de Notícias*

A *Gazeta de Notícias* sempre foi celeiro de grandes escritores; o volume de crônicas publicadas esporadicamente pelos mestres das letras no jornal não era facilmente superado por outra folha. Durante os anos de 1875 a 1890, crônicas de Machado de Assis, Eça de Queirós e também Ramalho Ortigão estamparam-se nas páginas centrais da folha. Porém, não seria possível afirmar que a *Gazeta de Notícias* mantinha uma seção fixa e bem delineada de crônica. Textos esparsos só cedem lugar para a crônica fixa no início da década de 1890, quando observamos seções de crônicas como de Machado de Assis e as inúmeras contribuições de Olavo Bilac por mais de vinte anos no diário.

É certo que nos anos iniciais da *Gazeta* havia colunas que marcaram época no jornal, como as já citadas “Balas de Estalo”; entretanto, eram publicações que abarcavam uma gama variada de autores, assuntos e temas, e traziam em seu bojo certo tom de noticiário fragmentado. A crônica como comentário do cotidiano, “companheira diária do leitor brasileiro” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 51), “como pedaço de página que

a literatura penetrou fundo...” (ARRIGUCCI JR., 1987, p. 56), só vem ocorrer definitivamente em meados de 1890 com a consolidação na *Gazeta de Notícias* das seções de crônicas semanais fixas.

A fixação da crônica como texto efêmero, de linguagem coloquial, de narrador-comentador subjetivo se estabiliza no periódico na década de 1890, embora acabe por perder seu espaço consagrado, não só na *Gazeta* como em muitas outras folhas já no início do século XX, em decorrência da modernização jornalística que, sendo concomitante à urbana, vem alterar os rumos das ruas e do jornalismo literário carioca. Em 1904, a crônica cede espaço às reportagens e a artigos investigativos, à fotografia, às charges:

“Aos gêneros consagrados da poesia, crônica, conto e folhetim em capítulos, quase todos esses periódicos acrescentaram as inovações do momento: reportagens sensacionalistas, artigos cada vez mais personalizados (entrevistas e perfis), uma preocupação com o ‘alto mundo’ e (sobretudo em *Kosmos*⁹ e *Renascença*) uso abundante de ilustrações, apresentando fotografias e vinhetas *art nouveau*” (NEEDELL, 1993, p. 230).

Era o momento da consolidação do setor, da evolução do periodismo, que a partir do estatuto híbrido da crônica permitiu, junto à busca “de um horizonte técnico moderno” (SUSSEKIND, 1987, p. 89), da energia elétrica, do *bond* e da padronização dos tipos, o surgimento das novas entidades jornalísticas do século XX.

Entretanto, anteriormente às grandes revoluções no jornalismo do século XX, temos a presença maciça daquele que vai marcar época, assim como as mudanças tecnológicas, no periodismo carioca entre as décadas de 1890 e 1910.

Olavo Bilac, que sempre desejou a *Gazeta de Notícias*, em 1890, realiza, mesmo que temporariamente, seu grande sonho, fixando definitivamente seu nome no rol das “celebridades literárias” que tiveram a honra de publicar no jornal mais afeito à literatura crônicas que intimamente duelavam com a contingência e a transcendência.

Em 1884, aos dezenove anos, após o abandono do repudiado curso de Medicina, Bilac publica em 31 de agosto seu primeiro soneto na *Gazeta*, “A Sesta de Nero”. Porém, se esta estréia foi rápida muitas outras contribuições fizeram de Bilac um dos grandes nomes da *Gazeta de Notícias*.

Sua segunda participação no periódico data de 1890 com a publicação de 27 pequenas crônicas na primeira página do periódico. Após está fugaz permanência, Bilac tornou-se um habitual colaborador do grande jornal. Publicou crônicas, sonetos, versos fesceninos até se consagrar como o substituto de Machado de Assis na coluna dominical A Semana, a qual o Príncipe dos Poetas rebatizou de “Crônica”.

Nesta nova função Bilac produziu aproximadamente 500 crônicas semanais, permanecendo como consagrado cronista da *Gazeta* até o final de 1908, quando começa a se afastar do periodismo ao mesmo passo que o gênero que ajudou a consagrar no jornalismo carioca também cede espaço às novas evoluções tecnológicas da imprensa.

Notas explicativas:

- ¹ *Gazeta de Notícias*, prospecto inaugural de 2 ago. 1875.
- ² O termo “páginas gastas” foi utilizado apenas de maneira ilustrativa, na realidade toda a pesquisa feita na *Gazeta de Notícias* para levantamento de suas características foi realizada através de leitura e reprodução de microfilmes gentilmente cedidos pelo Centro de Documentação e Apoio à Pesquisa (CEDAP), órgão pertencente à Universidade Estadual Paulista (UNESP/Assis).
- ³ PUBLICAÇÕES a pedido. *Gazeta de Notícias*. Rio de Janeiro, 13 fev. 1877, p. 2, col. 1.
- ⁴ Pseudônimo de Ferreira de Araújo (proprietário da *Gazeta de Notícias*, colaboração entre 1875 e 1900).
- ⁵ Pseudônimo de José do Patrocínio (jornalista e poeta abolicionista, colaboração entre 1877 e 1881).
- ⁶ Pseudônimo de Joaquim Serra (jornalista e poeta abolicionista, colaboração entre 1877 e 1878).
- ⁷ Machado de Assis passa a assinar crônica dominical na *Gazeta* a partir de 1892, na coluna “A Semana”, anteriormente a esse período contribui em colunas esporádicas e com publicações de contos como “Contos de Escola” em 1884.
- ⁸ A escolha por pesquisar os primeiros quinze anos de publicação da *Gazeta de Notícias* se faz necessária, pois esse recorte de tempo marca o período que antecede a estréia de Olavo Bilac no citado periódico.
- ⁹ A revista *Kosmos* (1904-1909) é exemplo satisfatório de como a crônica perde espaço para os gêneros jornalísticos mais modernos. Apesar de manter sua crônica mensal, assinada por Olavo Bilac, a *Kosmos* abre mão da linguagem literária comum às revistas com esse cunho em favor de linguagem oblíqua da fotografia.

REFERÊNCIAS

ARRIGUCCI JR., Davi. Fragmento sobre a crônica. In: Idem. **Enigma e comentário**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.

BRAYNER, Sonia. Machado de Assis: um cronista de quatro décadas. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 407-417.

CANDIDO, Antonio. A vida ao rés-do-chão. In: SETOR de Filologia da Fundação Casa de Rui Barbosa. **A crônica: o gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil**. Campinas: Editora da UNICAMP; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1992. p. 13-22.

JORGE, Fernando. **Vida e obra de Olavo Bilac**. Introdução de Menotti Del Picchia. São Paulo: Editora Mc Graw-Hell do Brasil, 1977.

MICELI, Sérgio. **Poder, sexo e letras na República Velha** (estudo clínico dos anatolinos). São Paulo: Editora Perspectiva, 1977.

NEEDELL, Jeffrey D. **Belle Époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século**. [A tropical Belle Époque: elite culture and society in turn-of-the-century Rio de Janeiro]. Trad. Celso Nogueira. São Paulo: Cia. das Letras, 1993. p. 209-269.

SODRÉ, Nelson Werneck. **História da imprensa no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1966.

SUSSEKIND, Flora. **Cinematógrafo de Letras: literatura, técnica e modernização no Brasil**. São Paulo: Cia. das Letras, 1987.